



Resenha do livro de FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 50ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011. Foi elaborada pelo prof. Dr. Moacir Gadotti com a denominação “**Por que continuar lendo pedagogia do oprimido?**”. Trata-se de um texto destinado, originalmente, à publicação na Edição: v. 16 n. 2 (2012) da Revista de Políticas Públicas (RPP)-POLÍTICAS PÚBLICAS DA EDUCAÇÃO: impasses e desafios contemporâneos. Ora republicada com o consentimento do autor e da Comissão Editorial da RPP

POR QUE CONTINUAR LENDO *PEDAGOGIA DO OPRIMIDO*?

Moacir Gadotti

Diretor do Instituto Paulo Freire

O livro *Pedagogia do oprimido* chega à sua 50ª edição. Em 2001 o Instituto Paulo Freire, com sede em São Paulo, recebeu o *fac-símile* dos manuscritos deste livro cuja história começa em 1968 quando Paulo Freire os entregou a Jacques Chonchol, diretor do Instituto Chileno de Reforma Agrária (ICIRA), onde Paulo Freire trabalhava. No ano seguinte, ele saíria do Chile, passando quase um ano na Universidade de Harvard, nos Estados Unidos e, depois, se estabelecendo em Genebra, no Conselho Mundial de Igrejas, de onde regressou ao Brasil dez anos depois, completando 16 anos de exílio. Depois que ele entregou os manuscritos a Chonchol nunca mais os viu pois não ficou com nenhuma cópia. No final de sua vida, desejando revê-los, tinha a intenção de escrever a Jacques Chonchol para obter uma cópia, mas ele faleceu logo depois, sem conseguir realizar esse sonho.

Ao entregá-los a Jacques Chonchol e a sua esposa Maria Edy, numa carta escrita a eles, na “primavera de 68”, Paulo Freire fala das saudades que tinha de Recife, após quatro anos de exílio, “de suas pontes, suas ruas de nomes gostosos: Saudade, União, 7 pecados, Rua das Creoulas, do Chora menino, ruas da Amizade, do Sol, da Aurora”. Ele dizia ter deixado “o mar de água morna, as praias largas, os coqueiros”, deixava “o cheiro da terra e das gentes do trópico, os amigos, as vozes conhecidas”. E afirmava que estava deixando o Brasil, mas também “trazia o Brasil” e “chegava sofrendo a ruptura entre o meu projeto e o projeto do meu País”. E conclui dizendo: “gostaria que vocês recebessem estes manuscritos de um livro que pode não prestar, mas que encarna a profunda crença que tenho nos homens, como uma simples homenagem a quem muito admiro e estimo”.



Em 1968 Paulo Freire estava receoso de que seu livro fosse confiscado - haviam surgido boatos de que forças da inteligência chilena estariam atrás de um livro “subversivo e perigoso” - datilografou os manuscritos e tirou algumas cópias antes de entregá-los a Choncol. Os manuscritos começam com a conhecida epígrafe: “Aos esfarrapados do mundo e aos que neles se descobrem e, assim descobrindo-se, com eles sofrem, mas, sobretudo, com eles lutam”.

Pedagogia do oprimido, livro traduzido em mais de 25 idiomas, é sua principal obra e a principal obra da teoria transformadora da educação, uma referência permanente da educação popular no mundo. Nesse livro ele sistematiza e desenvolve temas antes esboçados e, ao mesmo tempo, temas que irá aprofundar depois.

A ênfase principal desta obra foi muito bem captada no prefácio escrito por Ernani Maria Fiori: o objetivo principal de uma educação libertadora é fazer com que o homem e a mulher aprendam a “dizer a sua palavra”, não repetindo, simplesmente, a palavra do outro. A palavra como instrumento por meio do qual o homem torna-se sujeito de sua história.

Se é pela **palavra** que o ser humano revela sua humanidade, é no **diálogo** que ele se encontra com o outro, completando sua humanidade. Só por meio de uma comunicação autêntica, na reciprocidade e na igualdade de condições, estabelecidas pelo diálogo, é que o indivíduo se torna criador e sujeito. Paulo Freire sustenta que a educação não é um processo neutro. Ela pode tanto formar sujeitos sujeitados quanto sujeitos livres. Ela pode ser tanto uma ação cultural para a dominação quanto pode ser uma ação cultural para a libertação. Ela pode ser libertadora ou bancária. O diálogo só pode existir entre iguais e diferentes. Nunca entre antagônicos. Do contrário, seria um falso diálogo, utopia romântica quando parte do oprimido e artil astuto quando parte do opressor.

Em Paulo Freire o diálogo dos oprimidos, orientados por uma consciência crítica da realidade, aponta para a superação do conflito destes com seus opressores. Nele, o diálogo não é só um encontro de dois sujeitos que buscam o significado das coisas - o saber - mas um encontro que se realiza na *práxis* - ação + reflexão - no engajamento, no compromisso com a transformação social. Dialogar não é trocar ideias. O diálogo que não leva ação transformadora é puro verbalismo.

É neste livro que Paulo Freire desenvolve o conceito de “educação bancária”, uma educação rígida, autoritária e antidialógica na qual o professor tem o papel de transferir o seu saber para alunos dóceis e passivos como se eles fossem uma lata vazia. Ao



contrário, a educação problematizadora é participativa e dialógica. Ambos, professor e alunos, buscam juntos, “em comunhão”, construir conhecimento valorizando o que já sabem.

A pedagogia do oprimido possibilita desvelar a realidade opressora, tornando o homem consciente da sua situação de exploração em que vive, o primeiro passo para libertar-se da opressão. Trata-se de uma pedagogia que leva à luta pela transformação de opressão na qual o oprimido vive. A pedagogia do oprimido é, ao mesmo tempo, uma *pedagogia da esperança* e uma *pedagogia da luta*. Não há esperança na pura espera, sem luta.

Neste livro Paulo Freire deixa claro que a educação sozinha não poderá decidir sobre os rumos da história; entretanto, mostra como uma educação transformadora pode contribuir para mudar o rumo das coisas. Conscientes e organizados os oprimidos podem libertar-se da opressão. Ele combate a pedagogia fatalista e conservadora.

A educação bancária e o seu oposto, a educação problematizadora, fundam-se, respectivamente, na *teoria da ação antidialógica*, caracterizada pela conquista, pela divisão do povo, pela manipulação e pela invasão cultural e na *teoria da ação dialógica* caracterizada pela colaboração, pela união, pela organização e pela síntese cultural.

A **educação bancária** caracteriza-se pelo depósito assistencialista onde não há comunicação, mas apenas comunicados, onde só há sujeitos narradores que são os professores e objetos ouvintes, que são os alunos; os primeiros é que sabem e os segundos são considerados ignorantes. Se consideramos que só há aprendizagem quando o sujeito participa dela, a educação bancária não favorece a aprendizagem; ela não desenvolve a criatividade, a busca e a inovação. O educador bancário deposita conteúdos no educando, anulando, seu potencial criativo. Ele incita à memorização e não ao pensar crítico.

Ao contrário, na **educação problematizadora**, educadores e educandos se educam no diálogo, mediatizados pelo mundo e ambos se tornam sujeitos do processo de aprendizagem. Ambos aprendem juntos. Ele não leva ao aluno uma mensagem salvadora, mas, junto com ele, mediatizados pela realidade, busca respostas para os desafios da reflexão e da ação.

Paulo Freire faz a defesa de uma **pedagogia dialógica** e emancipatória do oprimido, problematizante e participativa, em oposição à pedagogia da classe dominante, que é bancária e domesticadora. Ele propõe a conscientização como forma do povo



passar da consciência ingênua, mágica, para a consciência crítica e científica da realidade. O diálogo problematizador, para ele, estabelece-se na relação horizontal, baseada na confiança entre os sujeitos. Este diálogo é, para ele, a essência mesma da educação como prática da liberdade.

As teorias de Paulo Freire expostas na *Pedagogia do oprimido* cruzaram as fronteiras das disciplinas, das ciências, para além da América Latina. Suas abordagens transbordaram para outros campos do conhecimento, criando raízes nos mais variados solos, fortalecendo teorias e práticas educacionais, bem como auxiliando reflexões não só de educadores, mas também de médicos, terapeutas, cientistas sociais, filósofos, antropólogos e outros profissionais. Seu pensamento é considerado um modelo de transdisciplinaridade.

Por que o livro teve tanto reconhecimento, tanta aceitação e por públicos tão diversos?

Há uma razão básica que explica tamanha repercussão: podemos dizer que Paulo Freire faz uma espécie de “metateoria”, um discurso que atende a públicos muito diversos e que atravessou tanto as fronteiras geográficas quanto as fronteiras das ciências e das profissões. Isso tem a ver também com a **polifonia** do seu pensamento. Paulo Freire escreve para educadores e para não-educadores, para estudantes, pais e mães, operários, camponeses e outros. Pessoas muito diferentes encontraram-se nesse livro, identificaram-se com o seu ponto de vista. O livro ressoou nos mais diversos ambientes, seja na academia, seja na sociedade. Sindicatos, igrejas, movimentos sociais e populares foram responsáveis por uma grande difusão e debate da *Pedagogia do oprimido*, servindo de guia para a ação transformadora.

Alfabetizadores, intelectuais de esquerda, indígenas, marginalizados, militantes políticos, universitários, pobres e ricos comprometidos com os mais empobrecidos, políticos, trabalhadores sociais e outros, utilizaram-se de suas teses para defender seus próprios pontos de vista.

São ideias simples e revolucionárias que impactaram várias **gerações** de educadores e de educadoras na América Latina e no Mundo. Muitos educadores, por meio da *Pedagogia do oprimido*, que despertaram para a luta democrática criando espaços de resistência ao autoritarismo político e pedagógico.

Paulo Freire deixou como **legado**, uma filosofia educacional e um método de investigação e de pesquisa ancorado numa antropologia e numa teoria do conhecimento,



imprescindíveis na formação do educador. Depois de Paulo Freire não se pode mais afirmar que a educação é neutra. Ele demonstrou a importância da educação na formação do povo sujeito, do povo soberano; foi um dos grandes idealizadores do paradigma da educação popular. Miríades de experiências de educação popular e de adultos inspiraram-se em suas ideias pedagógicas.

Ele também deu uma grande contribuição à luta pelo **direito à educação**, não a qualquer educação, mas ao direito a uma educação emancipadora. Sua pedagogia destacou a necessidade de teorizar a prática, a necessidade da pesquisa participante e o reconhecimento da legitimidade do saber popular.

A **atualidade** da *Pedagogia do oprimido* é demonstrada não só pelo número de suas edições, mas pelas marcas que ela deixou na educação do século XX, também neste início de milênio: muitos centros de estudos, cátedras, institutos, associações e entidades públicas e privadas fundamentam-se hoje em Freire e desenvolvem estudos sobre ele. Sua pedagogia está comprometida com a cidadania, com a autonomia do aluno, uma concepção pedagógica amplamente aceita hoje. Paulo Freire recusou o pensamento fatalista neoliberal, o que lhe dá uma inquestionável posição de vanguarda frente às concepções pedagógicas conservadoras que não se preocupam com a ética e a radicalização da democracia.

O livro *Pedagogia do oprimido* continua muito atual, não só porque ainda existem oprimidos, mas porque é uma obra de grande valor para todos os que buscam, por meio da educação, “criar um mundo em que seja menos difícil amar”, como afirma ao terminá-lo.

Para aqueles que não se conformam com o pensamento único neoliberal que renuncia ao sonho e à utopia, para aqueles que acreditam que “um outro mundo é possível”, como sustenta o Fórum Social Mundial, a palavra “oprimido” não perdeu vigência, não perdeu sentido e nem atualidade.

Por que continuar lendo *Pedagogia do Oprimido*?

Alguns certamente gostariam de deixar esse livro nas prateleiras, no passado, para trás, na história das ideias pedagógicas; outros gostariam de esquecê-lo, por causa das opções políticas assumidas neste livro. Certamente, não é um livro que agrada a todos. Em certos lugares, até hoje, ele é um livro interdito. Mas para os que desejam conhecer e viver uma pedagogia de inspiração humanista, esta é uma obra imprescindível. A pedagogia do diálogo que este livro defende, fundamenta-se numa filosofia pluralista. A



força desta obra não está só na sua teoria do conhecimento, mas em mostrar uma direção, mostrar que é possível, urgente e necessário mudar a ordem das coisas. Paulo Freire não só convenceu tantas pessoas em tantas partes do mundo pelas suas teorias e práticas, mas também porque despertava nelas a capacidade de sonhar com uma realidade mais humana, menos feia e mais justa. Como legado nos deixou a utopia.